

CORREIO POLÍTICO

Fabio Rodrigues-Pozzebom/Agência Brasil



Salles e Bolsonaro: outros tempos e outros humores

O bombardeio amigo entre Ricardo Salles e Valdemar

O presidente do PL, Valdemar Costa Neto, comunicou que entrará com um processo contra o deputado federal Ricardo Salles (SP). Desde 2024, Ricardo Salles está no partido Novo. Mas sempre é bom lembrar que ele foi eleito pelo mesmo PL presidido por Valdemar e foi ministro do Meio Ambiente do ex-presidente Jair Bolsonaro. Hoje, o Novo tem candidato à Presidência, Romeu Zema. Mas há conversas para que o ex-governador de Minas Gerais venha a ser vice do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ). De qualquer modo, não há muita dúvida sobre quem Zema apoiaria num eventual segundo turno para o qual passasse Flávio. Ou seja, Valdemar e Salles estão no mesmo lado do jogo político.

Definições foram atualizadas

A briga entre os dois é mais uma a mostrar que, no caso da direita, usando o jargão das redes sociais, as definições de fogo amigo foram atualizadas. O que aconteceu? Ricardo Salles afirmou, em entrevista ao podcast Iron Talks, que os indicados do partido de Valdemar no Ministério dos Transportes durante os governos Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff desviaram dinheiro quando lá estiveram.

Agência Brasil



Alfredo Nascimento acabou demitido por Dilma Rousseff

O fato é que as denúncias existiram

Disse ainda Salles que o hoje governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, quando esteve no Departamento Nacional de Infraestrutura de Transporte (Dnit) no governo Dilma barrou esse esquema. Bem, o fato é que houve mesmo denúncias contra os nomes do PL (antigo PR). Anderson Adauto, o primeiro ministro indicado por Valdemar no início do primeiro governo Lula, chegou a ser réu no Mensalão. E Alfredo Nascimento foi demitido por Dilma em 2011 quando surgiram contra ele denúncias de superfaturamento em obras.

Certa desconfiança com Tarcísio

Há quem diga que sempre houve certa desconfiança de Valdemar com Tarcísio por ter dificultado o acesso de Valdemar à área de transportes no Dnit. Mas o que de fato está por trás dos ataques de Salles a Valdemar é, mais uma vez, o caráter limitador da estratégia do PL na formação das suas alianças. Problema de Santa Catarina repete-se agora em São Paulo.

POR
RUDOLFO LAGO

Sem espaço

Em Santa Catarina, o fator de discórdia foi a transferência de Carlos Bolsonaro do Rio para o estado para disputar uma vaga pelo Senado. Defenestrou, assim, o senador Esperidião Amin (PP), que foi tentar a reeleição por outra chapa. Em São Paulo agora, é Ricardo Salles quem se vê sem espaço para o Senado.

André do Prado

Dos EUA, Eduardo Bolsonaro quer que a vaga para o Senado seja do deputado estadual André do Prado (PL). E que seja ele, Eduardo, o suplente de senador na chapa. No mesmo Iron Talks, Ricardo Salles bateu pesado no filho 03 de Jair Bolsonaro, dizendo que as suas ações nos Estados Unidos só atrapalharam.

“Um monte de m...”

Dirigindo-se para as câmeras como se falasse diretamente com Eduardo Bolsonaro, Ricardo Salles disse que ele nos EUA fez um “monte de m...”, inclusive trabalhando contra o Brasil na história do tafiraço”. Claramente, Ricardo Salles viu-se sem espaço na composição que a direita planeja para São Paulo.

“Carguinho”

Então, Eduardo respondeu dizendo que Salles, quando saiu do Ministério do Meio Ambiente, queria de Jair Bolsonaro um “carguinho” em algum conselho. “Dá dó de ver isso, Salles”, disse Eduardo. Salles disse que Eduardo só se mantém nos EUA porque o “papai” ajuda. “Você queria ajuda do papai também Salles”, pergunta Eduardo.

São Paulo

O problema é que os planos da direita até agora em São Paulo, com exceção de Tarcísio de Freitas, não estão dando muito certo. As pesquisas mostram vantagem das ex-ministras do Planejamento e do Meio Ambiente Simone Tebet e Marina Silva e o ex-ministro do Empreendedorismo Márcio França.

Palanques

Essas brigas estreitam a formação dos palanques regionais. A sorte de Flávio Bolsonaro é que isso também vem acontecendo com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, com brigas como a do Maranhão, que já contamos. Há um estranho clima de UFC na disputa eleitoral. E só cabem dois no octógono.



Nunes Marques e Mendonça assumem o comando do TSE

Kassio Nunes Marques convida Jair Bolsonaro

Ministro toma posse nesta terça-feira como presidente do TSE

Por Rudolfo Lago

O ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Kassio Nunes Marques toma posse nesta terça-feira como o novo presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Como seu vice, o também ministro do STF André Mendonça. É a ascensão dos nomes indicados para a Suprema Corte pelo ex-presidente Jair Bolsonaro a um posto de comando importante no poder Judiciário. Os dois ministros comandarão as eleições de outubro.

Na véspera, a posse de Nunes Marques já se revestiu de polêmica. Ele convidou para a solenidade Bolsonaro e também o ex-presidente Fernando Collor. Ambos, porém, estão em prisão domiciliar. O staff de Nunes Marques argumenta que é protocolar o convite a todos os ex-presidentes. O provável, no entanto, é que, diante das circunstâncias, nem Bolsonaro nem Collor compareçam à posse. Ambos precisariam de autorização judicial para assistir à posse.

A posse no TSE dos dois ministros que foram indicados por Bolsonaro é cercada de expectativas diante de todas as contestações que o ex-presidente fez ao sistema eleitoral brasileiro e às urnas eletrônicas. A desconfiança de Bolsonaro quanto às urnas e as contestações que fez do resultado das eleições de 2022 são a base de todo o processo que

levou aos atos antidemocráticos de 8 de janeiro de 2023, quando das sedes dos três poderes foram invadidas e depredadas.

Esses atos levaram ao julgamento de Bolsonaro por golpe de Estado, à sua condenação e à sua prisão.

Nunes Marques está certo da possibilidade de o mesmo tipo de questionamento acontecer agora nas eleições deste ano. E desde já se prepara para se blindar dessas pressões. Seu primeiro ato como presidente do TSE, já na quarta-feira (13), será fazer um teste público da confiabilidade das urnas eletrônicas. O novo presidente do tribunal quer fazer um pente fino que remova qualquer dúvida sobre a confiabilidade das urnas logo de saída.

Usadas no Brasil desde 1996, nunca houve registro de fraude ou qualquer problema com o sistema eletrônico de votação.

Mesmo assim, haverá um outro desafio. Da mesma forma como aconteceu em 2022, ele avalia que surgirão diversos conteúdos falsos contestando as urnas eletrônicas.

Advogado com atuação nas Cortes superiores e analista político, Melillo Dinis acredita que Nunes Marques e André Mendonça imprimirão ao TSE “um papel mais contido”.

“Eles devem assumir a defesa da instituição e de suas tarefas. Talvez contenham as críticas dos mais extremados”, conclui.